ARTIGOS

O Mito fundador – na História e na Literatura

GRECIANNY CARVALHO CORDEIRO*

Resumo

O presente artigo faz uma análise acerca da influência da literatura na História e vice-versa, para tanto, é traçado um paralelo sobre as obras de dois clássicos em que a lenda é utilizada para a construção do mito fundador de uma cidade e de um povo, tal como se verifica na obra de Virgílio, a *Eneida*; e na de José de Alencar, *Iracema*.

Introdução

A História nunca se dissociou da literatura, aliás, ambas sempre caminharam juntas. E não seria exagero afirmar que a literatura é uma das formas de expressão da própria História, um reflexo no espelho, Narciso vendo sua imagem refletida nas águas de uma fonte. Às vezes, a imagem se mostra límpida; às vezes, turva.

Quando o mundo ainda engatinhava em sua evolução e as primeiras grandes civilizações se projetavam, ora alcançando seu esplendor para depois atingir o ocaso; quando ainda não existia o conhecimento científico, tampouco a Filosofia, a Antropologia, a História e tantas outras ciências, afins ou não, os homens recorreram aos mitos e às lendas para a explicação dos fenômenos da natureza, a criação do universo e a sua própria existência, dentre tantos outros mistérios que se lhes mostravam incompreensíveis.

Ao longo do tempo, muitas civilizações recorreram aos mitos e às lendas para tentar explicar, não somente a origem do mundo, mas também, a sua própria existência e a gênese de seus impérios e de seu povo. Assim

1 Sócia Efetiva do Instituto do Ceará.

foi com o mito sumério de Gilgamesh, a mitologia grega e romana, a nórdica, dentre tantos outros.

Como bem o diz Pierre Grimal, os mitos e as lendas, obras de sábios, escritores e poetas, contam e recontam suas histórias ao sabor de seus caprichos, daí porque tantas variações sobre um mesmo tema podem ser interpretadas e estudadas à luz da ciência moderna como uma forma de expressão da verdade de dada civilização, em determinada época[2].

A História pode ser contada a partir dos mitos e das lendas, sem que seja preciso expulsar os poetas da cidade ideal platônica, pois "o mito fornece um universo poético, um dado que se modela à vontade, à imagem da própria verdade inteira.[3]"

> *(...) o que interessa ao historiador e ao antropólogo é o pano de fundo intelectual evidenciado pelo fio da narração, o quadro em que está tecido, o que só pode ser detectado pela comparação dos relatos, pelo jogo entre as diferenças e semelhanças.*[4]

A literatura, recorrendo aos mitos e às lendas, exerceu um importante papel nesse cenário de compreensão da própria História.

Virgílio e o mito fundador de Roma

Roma, por exemplo, mais precisamente, o imperador Otávio Augusto, serviu-se da literatura, notadamente da escrita do poeta Virgílio, para explicar a origem e a fundação da "cidade eterna".

Dez anos após a morte de Virgílio, a *Eneida* é publicada pelo imperador Otávio Augusto, que via na obra épica uma forma de justificar sua origem divina, além do que, exaltava seus feitos e cantava a paz que instalara após a vitória contra Marco Antônio, na batalha naval do Áccio.

Otávio Augusto se banqueteia com a *Eneida* para enaltecer todo o poder e glória de Roma e dos grandes romanos que o antecederam e dos quais dizia descender. A lenda e os fatos históricos se unem para o

2 GRIMAL, Pierre. **Mitologia grega.** Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 15.

3 GRIMAL, Pierre. Ob. cit., p. 102.

4 VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens.** Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 13.

esplendor daquele que seria um dos maiores e mais duradouros impérios do mundo.

Na *Eneida*, Eneias, o herói troiano filho da deusa Afrodite com o mortal Anquises, consegue escapar da destruição de Troia e dali foge, levando o pai sobre os ombros, bem como o filho Ascânio (Iulo).

> *As armas canto e o varão que, fugindo das plagas de Troia por injunções do Destino, instalou-se na Itália primeiro e de Lavínio nas praias. A impulso dos deuses por muito tempo nos mares e em terras vagou sob as iras de Juno, guerras sem fim sustentou para as bases lançar da cidade e ao Lácio os deuses trazer – começo da gente latina, dos pais albanos primevos e os muros de Roma altanados*[5].

Conforme prenunciado pela deusa Afrodite, Eneias estava predestinado a fundar uma nova Troia e, para cumprir tal desígnio, ele se vê obrigado a abandonar a mulher por quem se apaixonara, Dido, rainha de Cartago, e então segue rumo ao Lácio, onde trava uma batalha contra Turno (rei dos Rútulos) e seus aliados, vindo a casar-se com Lavínia, filha do rei Latino.

Eneias funda a cidade de Lavínio, nome conferido em homenagem à esposa. Tempos depois, seu filho Ascânio (Iulo), viria a fundar a cidade de Alba Longa, "berço de Rômulo e Remo e da própria Roma"[6].

Virgílio utiliza-se da lenda em torno de Eneias para atribuir-lhe o papel de fundador da nação romana, dando origem a toda a raça latina. Ao mesmo tempo, o autor reúne as lendas de Eneias, da loba e dos gêmeos Rômulo e Remo, para a construção de sua obra épica.

José de Alencar e o mito fundador do Ceará

Em seu célebre romance *Iracema,* José de Alencar, tal qual Virgílio, serve-se de uma lenda para explicar a origem de sua terra e de seu povo: o Ceará e o cearense.

5 VIRGÍLIO. **Eneida**. Edição bilíngue; tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016, Livro I, p. 73.

6 BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis.** Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

José de Alencar foi um dos maiores expoentes do Romantismo, escola literária prevalecente nos meados do século XIX, caracterizada por enfatizar um mundo ideal, com personagens heroicos a exaltar um sentimento nacionalista, para tanto, recorrendo ao subjetivismo, ao exagero, ao sofrimento e ao sentimentalismo.

Noutras paragens, em específico, na Europa, o Romantismo buscava um retorno a um tempo pretérito de glórias, diferentemente do que ocorria no Brasil, marcado por um recentíssimo passado, que precisava ser bem elaborado e bem construído para subsidiar seu presente e seu futuro de promissor esplendor.

No Brasil, já independente de Portugal, mostrava-se necessária a construção de uma identidade nacional, de modo a que a pátria fosse exaltada, que a "terra brasilis" e sua rica natureza fossem supervalorizadas. E ninguém melhor que o índio para incorporar o herói dotado de valores naturais e intrínsecos do povo brasileiro.

Em *Iracema,* José de Alencar realça um sentimento de nacionalidade ainda incipiente, um verdadeiro sentimento de brasilidade, tão importante e crucial para uma nação que, tão recentemente, passara a caminhar com os próprios pés, trilhando seu próprio caminho, distante das garras do antigo colonizador.

Considerada por Sânzio de Azevedo como a primeira obra da literatura cearense, o romance *Iracema,* de José de Alencar, traz consigo o mito da origem do povo cearense, descendente de Moacir, o filho da dor, nascido da união entre a bela índia Iracema e o guerreiro branco português Martim Soares Moreno.

Em *Iracema,* José de Alencar se serviu de fatos e de personagens históricos para contar a lenda que originou o Ceará e seu povo, a partir da união entre uma integrante da tribo tabajara e um colonizador português. Ocorre que, o mito prevaleceu sobre a própria História, o lírico se sobrepôs ao épico[7].

O mito fundador sempre foi utilizado como forma de gerar uma ideia de grandeza, de motivo de orgulho, de fortalecimento de um nacionalismo

7 CASTELLO, José Aderaldo, *in* ALENCAR, José de. **Iracema: Lenda do Ceará – 140 anos.** Edição bilíngue e reprodução fac-similar do francês de 1928. Organização de Angela Gutiérrez e Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Editora UFC, 2005, p. 19.

como forma de sobrevivência e estabelecimento de um sentimento nacional, de amor à pátria, de pertencimento.

Enquanto Virgílio fez uso da lenda e de fatos históricos para justificar os feitos do imperador Otávio Augusto, exaltando a grandeza de Roma e do povo latino, José de Alencar também fez uso da lenda e de fatos históricos para enfatizar a grandeza de uma pátria que despontava para o mundo, longe das amarras do colonizador luso.

Tal qual Eneias, predestinado a dar origem a uma nova raça, a dos latinos, Moacir, o primeiro cearense, estava predestinado a dar origem a uma nova raça.

> *Tu terás um filho amado, que reinará sobre Troia, e continuamente filhos nascerão de seus filhos. Eneias será seu nome (...)*[8]
> *O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora. O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?*[9]

Martim Soares Moreno – Um personagem real

Martim Soares Moreno, como se sabe, é um personagem real que viera ao Ceará por ocasião da expedição de Pero Coelho de Sousa, no ano de 1603, ainda muito jovem, na condição de soldado. Fora até a serra da Ibiapaba lutar contra os franceses e os gentios que a eles se aliaram, para depois retornar a Pernambuco e combater os holandeses.

Martim Soares Moreno era um homem possuidor de inúmeros talentos, com uma incomparável habilidade para lidar com os nativos, com os quais estabeleceu fortes relações de amizade, em especial, com o principal Jacaúna. Além disso, aprendeu o idioma dos silvícolas e guerreava à maneira dos mesmos, "rapando a cara", se trajando de igual

8 **Hinos Homéricos.** Tradução, notas e estudos de Edvanda Bonavina da Rosa [et. al.]; edição e organização Wilson Alves Ribeiro Júnior. São Paulo: editora UNESP, 2010, versos 196/198, p. 110.

9 **Iracema: Lenda do Ceará – 140 anos.** José de Alencar. ob. cit., p. 319.

modo e portando arco e flecha. Foi desse modo que o guerreiro branco conseguiu ceifar a vida de diversos franceses e flamengos que aportavam na costa para comercializar as riquezas da terra com os índios aliados, tomando-lhes os navios[10].

No ano de 1611, Martim Soares Moreno chega ao Siará, na companhia do padre Baltasar João Correia e de apenas seis soldados.

No dia 20 de janeiro de 1612, ergue o Forte São Sebastião, no mesmo local em que Pero Coelho de Sousa erguera o Forte São Tiago. Ali, fez "uma ermidazinha de taipa, ao lado, sob a invocação de N. Senhora do Amparo"[11], onde uma missa é celebrada e são realizados batizados[12]. A guarnição consistia em dezesseis homens e um sargento.

Mas em 1º de junho de 1613, Jerônimo de Albuquerque parte do Recife com um regimento composto por quatro navios e cem homens, com a finalidade de expulsar os franceses do Maranhão. Antes, aporta no Siará, nomeando Martim Soares Moreno lugar-tenente, em seguida, rumam para Jericoacoara, lugar escolhido para ser a base de operações para a conquista do Maranhão[13]. Martim Soares Moreno é enviado para fazer o reconhecimento do terreno e sondar o inimigo. Contudo, uma tempestade leva sua nau à ilha de São Domingos. Dali, segue para Sevilla, onde chega em 25 de setembro de 1614, ocasião em que encaminha a Pernambuco todas as informações colhidas no Maranhão[14].

A saga aventureira de Martim Soares Moreno parece não ter fim, pois em 1615 retorna ao Brasil para combater os franceses no Maranhão. Problemas de saúde o obrigam a se afastar dos combates, assim, toma um barco e segue para o Siará. Mais uma vez, o destino lhe prega uma peça

10 GIRÃO, Raimundo. **O Ceará pré-histórico. Os nativos e sua organização familiar. As primeiras tentativas de colonização.** Edição Comemorativa do Primeiro Centenário do Instituto do Ceará. Fortaleza-Ceará, 1966, p. 14/15.

11 GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. 5ª. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2019, p. 46.

12 OLIVEIRA, Tácito Theóphilo Gaspar de. **Martim Soares Moreno, o capitão do Ceará**. Revista do Instituto do Ceará. P. 35. http://institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1987TE/1987TE-MartinsSoaresMorenoOCapitaodoCeara.pdf. Acesso em 04.09.2021.

13 OLIVEIRA, Tácito Theóphilo Gaspar de. Ob. cit., p. 36.

14 GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. Ob. cit., p. 47.

quando uma procela se encarrega de levar sua embarcação para a ilha de São Domingos[15].

O presidente da ilha, Gomes de Sandoval, o encarrega de conduzir uns navios para a Europa. No trajeto, um temporal faz com que o navio de Martim Soares Moreno se afaste dos demais, até ser abordado por um corsário francês. Na peleja travada, quase todos os seus homens são mortos, com exceção de três, enquanto o mesmo recebe 23 feridas sérias e tem uma mão decepada[16]. É levado preso para a França e sentenciado à pena capital. Graças à intervenção do embaixador espanhol Duque de Monteleón[17], Martim Soares Moreno recupera sua liberdade após dez meses de prisão, marcados por intensos sofrimentos.

Pela Carta Régia de 26 de maio de 1619, como recompensa aos serviços prestados no Brasil, é conferido a Martim Soares Moreno o título de capitão-mor da capitania do Siará, pelo período de dez anos, com ordenado de 400 cruzados[18], mas só toma posse da concessão em 23.09.1621, sendo bem recebido pelos habitantes nativos. Na ocasião, reforma o forte com a ajuda do amigo Jacaúna, além disso, planta cana-de-açúcar, cria gado *vacum* e cavalgaduras[19].

Martim Soares Moreno, a despeito das inúmeras queixas feitas ao rei, solicitando ajuda para o precário abastecimento da sua capitania, não é ouvido. Nem mesmo quando menciona a existência de minas descobertas em Itarema, as quais poderiam ser exploradas. Quando finda o mandato de capitão-mor, no ano de 1631, vai combater no Recife, cidade então ocupada pelos holandeses.

O fato é que Martim Soares Moreno jamais retornaria ao Siará. No entanto, seus esforços em povoar sua capitania e apaziguar os gentios, embora não tenham sido devidamente reconhecidos pela coroa portuguesa, levaram seu nome para a posteridade na História do Ceará, passando a ser considerado o seu fundador e, também, por muito tempo, o fundador da cidade de Fortaleza.

15 GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. Ob. cit. p. 47.

16 OLIVEIRA, Tácito Theóphilo Gaspar de. Ob. cit., p. 40.

17 GIRÃO, Raimundo. **O Ceará pré-histórico. Os nativos e sua organização familiar. As primeiras tentativas de colonização.** Ob. cit., p. 16/17.

18 GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. Ob. cit., p. 47.

19 GIRÃO, Raimundo. Ob. cit., p. 48.

Na História, Martim Soares Moreno teve o devido reconhecimento e seu nome está inscrito no Panteão dos Heróis da Pátria[20]. Uma estátua sua está erigida no Forte de Nossa Senhora da Assunção, atual sede do Comando da 10ª Região Militar – Região Martim Soares Moreno.

Na lenda, Martim Soares Moreno também alcançou a glória maior enquanto guerreiro branco que desposou a bela Iracema, com a qual teria o filho Moacir, do qual descenderia o povo cearense.

Onde começam e terminam a lenda e a História?

Tanto Virgílio quanto José de Alencar se serviram da lenda, de fatos e de personagens históricos para escreverem seus livros *Eneida* e *Iracema*, respectivamente. Ambos foram os responsáveis por estabelecer as bases do mito fundador de suas nações e de seus povos.

O herói Eneias é considerado o fundador da nação romana e da raça latina. Seu descendente Rômulo, o fundador de Roma. Martim Soares Moreno, o guerreiro branco, é considerado o fundador do Ceará. Seu filho Moacir, o primeiro exemplar do povo cearense.

Uma pergunta que nunca se faz calar: até que ponto a lenda de *Iracema* influenciou os rumos da História e da historiografia do Ceará?

Martim Soares Moreno é um personagem real, cujos feitos são inquestionáveis, desde o longevo ano de 1603, quando veio ao Siará pela primeira vez, feitos esses devidamente alardeados e reconhecidos pela alentada bibliografia desse personagem histórico[21].

Mas até que ponto a lenda de José de Alencar o projetou? Não fosse o autor cearense, desde seu romance escrito em 1865, Martim Soares Moreno teria tamanho vulto ou nos ateríamos a Pero Coelho de Sousa como o verdadeiro fundador do Ceará, este, o primeiro que aqui chegou e, sem sucesso, tentou colonizar essas terras áridas e arenosas, para tanto, trazendo esposa e filhos, sendo obrigado a fugir em virtude da terrível seca?

20 Lei 13.613/2018, sancionada pelo presidente Michel Temer, "art. 1º. Fica inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília, o nome de Martim Soares Moreno."

21 A propósito, consultar artigo da Revista do Instituto do Ceará, ano 2019, p. 287/293, **Bibliografia Básica sobre Martim Soares Moreno,** organizada por Eurípedes Chaves Júnior e Júlio Lima Verde Campos de Oliveira.

No caso específico da lenda de *Iracema,* não há como não reconhecer o quanto o romance de José de Alencar influenciou a História do Ceará, tanto que, ainda hoje, alguns historiadores e pesquisadores discutem sobre quem teria sido o fundador do Ceará: Pero Coelho de Sousa, que aqui esteve no ano de 1603, com a patente de capitão-mor, ou Martim Soares Moreno, nomeado capitão-mor em 1619?

Qual o verdadeiro poder da lenda diante dessa compreensão histórica?

Por outro lado, seria ingenuidade negar que foi graças à lenda de José de Alencar que a História, por muito tempo, legou a Martim Soares Moreno, igualmente, o papel de fundador da cidade de Fortaleza, até que a própria História, séculos depois, por intermédio do historiador Raimundo Girão, em fins da década de 50 e início da década de 60 do século passado, atribuiria esse papel ao holandês Matias Beck, afinal, fora em torno do forte que ele mandara construir, no monte Marajaitiba, às margens do rio de água doce Marajaig (Pajeú), ao qual dera o nome de Schoonenborch, que a cidade cresceria[22].

No Forte Schoonenborch – desde 1654 nomeado Fortaleza Nossa Senhora da Assunção, por Álvares de Azevedo Barreto –, não existe uma estátua de Matias Beck, talvez porque tenha faltado a Beck um José de Alencar, nas palavras de Raimundo Girão[23].

A História, decerto, não pode se valer exclusivamente das lendas ou dos mitos para que os historiadores possam lançar mão ao estudo e à compreensão do passado. Todavia, sua influência e poder não podem ser ignorados, que o digam a *Eneida* de Virgílio e a *Iracema* de José de Alencar.

***

22 GIRÃO, Raimundo. **A Cidade do Pajeú.** Fortaleza: editora Henriqueta Galeno, 1982.

23 ANDRADE, Lauro Ruiz de. **Marajaig** (Romance). Fortaleza: editora Henriqueta Galeno, 1979. Prefácio de Raimundo Girão, p. 15.

Referências Bibliográficas

ALENCAR, José de. **Iracema: Lenda do Ceará – 140 anos.** Edição bilíngue e reprodução fac-similar do francês de 1928. Organização de Angela Gutiérrez e Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

ANDRADE, Lauro Ruiz de. **Marajaig** (Romance). Fortaleza: editora Henriqueta Galeno, 1979.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis.** Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

———— **Hinos Homéricos.** Tradução, notas e estudos de Edvanda Bonavina da Rosa [et. al.]; edição e organização Wilson Alves Ribeiro Júnior. São Paulo: editora UNESP, 2010.

GIRÃO, Raimundo. **O Ceará pré-histórico. Os nativos e sua organização familiar. As primeiras tentativas de colonização.** Edição Comemorativa do Primeiro Centenário do Instituto do Ceará. Fortaleza-Ceará, 1966.

GIRÃO, Raimundo. **A Cidade do Pajeú.** Fortaleza: editora Henriqueta Galeno, 1982.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena História do Ceará**. 5ª. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2019.

GRIMAL, Pierre. **Mitologia grega.** Porto Alegre: L&PM, 2013.

OLIVEIRA, Tácito Theóphilo Gaspar de. **Martim Soares Moreno, o capitão do Ceará**. Revista do Instituto do Ceará. P. 36. http://institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1987TE/1987TE-MartinsSoares-MorenoOCapitaodoCeara.pdf. Acesso em 04.09.2021.

VERNANT, Jean-Pierre. **O universo, os deuses, os homens.** Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Edição bilíngue; tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.

***